

<p>FAHIMTB</p>	<h1 style="text-align: center;">O TUIUTI</h1>		
			<p style="text-align: center;">ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</p>
<p>AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA</p>	<p style="text-align: center;">200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN</p>		
<p>Ano 2012</p>	<p>ABRIL</p>	<p>Nº 10</p>	

**CONCURSO DE POESIA GAUCHESCA JAYME CAETANO BRAUN
ESTÂNCIA DA POESIA CRIOLA DO RS**

Em 21 de abril próximo passado, no Salão Brasil do CMPA, aconteceu a premiação do Concurso de poesia da Estância da Poesia Criola. Deste certame cultural participaram dois militares inativos, o Cel Carlos Athaydes de Lima Alves e o Sub Ten Evilácio Saldanha, este acadêmico da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB). O Cel Athaydes conquistou o 1º lugar e o ST Saldanha o 2º lugar.

O evento de premiação foi bem concorrido. O comandante do CMPA, Cel Gonçalves esteve presente. O Cel Leonardo Araújo, do CMPA, também acadêmico da FAHIMTB, fez um brilhante resumo da História do Casarão da Várzea e do CMPA.

Em nome da FAHIMTB e da AHIMTB/RS, dedicamos este número do O Tuiuti com as poesias e também com uma canção recém composta pelo ST Saldanha sobre a cidade de Canguçu, terra natal do Presidente da FAHIMTB, Coronel Cláudio Moreira Bento.

Finalmente, uma oportuna poesia do Cel João Batista Fagundes, transcrita da Revista do Clube Militar.

RIO GRANDE DE ESPORA E MANGO (Evilácio Saldanha)

1 – Trago a poeira na garganta
dos tempos imemoriais.
Sem timbre, marca ou sinais,
nada no mundo me espanta.
Na voz do galo que canta
o mundo não é tão mau.
Varzedo, serra, perau,
eis a minha procedência,
mas escolhi pra querência
a velha São Nicolau.

6 - Rio Grande das sesmarias;
do velho umbu solitário;
do estancieiro primário;
da terra heroica e bravia.
Da lança – chirua esguia,
riscando nossa fronteira;
do grande Pinto Bandeira
- um soldado fronteiriço,
que do seu pago mestiço
fez um baluarte – tronqueira!

- 2 – Fui continente sofrido,
já fui “terra de ninguém”,
mas fui monarca também
num telurismo incontido.
O meu destino aguerrido
foi herança de família.
Não descuidei da vigília
por ser um posto avançado,
porém andei desgarrado
lamentando Tordesilhas!
- 3 – Quando a presença da estância
deu mais vida às reduções
emergiram tradições
dos mananciais da esperança.
Nestas plagas, a distância,
nascia um novo amanhã;
despertava um novo clã
de lanças, de boleadeiras,
sob as quinchas galponeiras
tishnadas de picumã!
- 4 – Sete Povos das Missões,
Colônia do Sacramento,
tratados sem cumprimentos,
choque envolvendo brasões.
Contrapontando canhões,
a velha lança guerreira
foi à luta derradeira
sendo enristada com fé,
pelos índios de Sepé
“saindo pela peiteira!”
- 5 – Pouco restava de paz
nesta querência gaúcha,
onde a espada e a garrucha
não pensam voltar atrás.
Coragem nunca é demais,
é sina de um peleador,
vem de berço, não tem cor,
é compromisso sagrado.
Ergue-se nos descampados,
jamais temendo invasor!
- 7 - Cruzei a ponte da Azenha
numa madrugada fria.
Nossa pampiana ousadia
não há força que a detenha.
Saga de tauras – resenha
que se alastrou nas coxilhas,
com lanceiros farroupilhas
- peão de estância, sem estudo,
um centauro melenudo
derrubador de bastilhas!
- 8 - Depois, a Tríplice Aliança
frente às tropas de Solano,
e o Rio Grande soberano,
com a sua liderança,
não desmerece a confiança
do Império, em seus defensores.
Silenciaram seus tambores,
tivemos paz outra vez,
mas veio Noventa e Três,
degolando opositores!
- 9 - Desde os tempos pré-Castilhos,
até Borges de Medeiros,
que o ferro branco... entreveros
já sustentavam caudilhos.
Cada puxar de gatilhos
prenunciava sucessores,
mas não faltaram mentores
neste Rio Grande espartano,
berço de Jayme Caetano,
o maior dos pajadores!
- 10- História pra ser contada
num bordonear de violão,
numa estância onde o patrão
se entrevera co’ a peonada.
Nessas tantas arrancadas,
guerras, carreiras, fandango,
fui maragato... chimango,
sem pompas, legendas, luxo:
sou a pátria do gaúcho,
Rio Grande de espora e mango!

UM CANTO A DOIS RINCÕES (Cel Athaydes)

- 1 – São Borja e São Gabriel
Terras que trago no peito!
Então assim, do meu jeito,
Qual moderno menestrel,
- 6 - Povo bravo e altaneiro
Que defendeu nossa terra,
Seja na paz ou na guerra
Chegaste sempre primeiro.

Vou me servir do papel
Pra cantar esses rincões
Que, ao findar das Missões,
Os seus destinos selaram
Por feitos que os ligaram
E donde busco lições.

Ao invasor estrangeiro
Resistiram as tuas gentes,
Na política tuas sementes
Foram férteis, germinaram,
E como frutos geraram
Dois ilustres Presidentes!

2 – São feitos cujas lembranças
Chegaram ao nosso presente,
De um povo simples e crente,
Que nos legou suas heranças;
Revivem locais, andanças,
As causas por que pelearam,
Na guerra que sustentaram
Quando o Rio Grande nascia.
História, lendas, poesia,
Que o meu canto inspiraram!

7 - São Borja reverencia
Seu passado e o presente,
Sempre correndo à frente,
Nas artes – canto e poesia.
Lá seus filhos, todo dia,
Transpiraram inspiração;
E cada ano a função
Que seus artistas atraí,
Da costa do Uruguai
Faz Escola da Canção!

3 – É de São Borja o “cuento”
Sobre o sol e o Uruguai,
Teu rio que o astro vai,
Segundo diz o “invento”,
Atravessar, no intento,
De apagar sua fogueira.
Depois, extinta a soalheira,
Cruza o Passo a bolapé,
Dorme em Santo Tomé,
E parte, com a boeira!

8 - A Barranca não demora!
- Eu um dia lá estarei...
E tuas glórias cantarei
Como comecei agora.
Prometo que, nessa hora,
Prolongarei o meu verso,
Pois tal tesouro, disperso,
É bem difícil juntar,
Mas vale a pena tentar,
Pra vencer o controverso!

4 – Se dormiu na Argentina
Já cedito ao clarear,
Vindo das bandas do mar
O sol retorna à rotina.
E o seu clarão ilumina
A São Borja missioneira,
Redução que foi pioneira
No “Ciclo dos Sete Povos”,
Quando índios, cristãos novos,
Povoaram nova fronteira!

9 - “São Gabriel pequenino...”
Era a frase que iniciava
Ode que o Avô recitava
No meu tempo de menino.
Ali contava o destino
Dos que traçaram teu rumo
Mas para manter o prumo,
E não correr nenhum risco
De memória não arrisco
A produzir um resumo.

5 – Os índios catequizados
Pelos Padres de Jesus,
Que trouxeram fé e luz
Aos guaranis aldeados.
E os seixos brutos chegados
Às oficinas sagradas,
Quando gemas lapidadas
Foram troncos ancestrais
Dos gaúchos pelos quais,
As Missões são habitadas!

10- Por que assim decidi,
Já que não sei repetir,
Vou tentar reproduzir
Aquilo que aprendi
Nos meus tempos de guri
Da história desse chão.
E o faço com emoção
De quem nasceu nessa terra
Onde touro xucro berra
E carretear é paixão!

11- Com todo o meu sentimento
Canto o Rio Vacacaí
E o Cerro do Batoví,
Local do teu nascimento.
Então..., evoco o momento
Em que unidos, de pé,
Professando a mesma fé
Os índios lá das Missões
Formaram seus esquadrões
Comandados por Sepé!

12- E de São Borja – sua praça,
Numa guerra sem quartel,
Em combates a granel,
Defendendo a própria raça,
Sem temer bala ou fumaça
De mosquete e de canhão
Foram tentar a expulsão
De espanhóis e portugueses
Lutando, as mais das vezes,
Só com a lança na mão!

13- O fim do índio altivo
Se deu em campos daqui,
Vizinho ao Vacacaí
Morreu ou ficou cativo.
Mas por estranho motivo,
A derrota em Caiboaté
- Um massacre – é que é!
Fez o Tiaraju – guerreiro,
Corregedor missioneiro,
Virar santo – São Sepé!

14- Santo do povo – por certo,
Morreu no posto do crente,
Defendendo a sua gente
Em luta, a peito aberto;
E o povo viu de perto
Que, qual novo São Miguel,
São Sepé, nesse papel,
Fez jus à consagração,
Abençoando o rincão
Que hoje é São Gabriel!

15- Abençoado, é verdade,
Foi que o povoado nasceu;
Depois de um tempo cresceu,
Ganhando notoriedade.
Transformou-se em cidade,
Das mais belas do Estado,
E por valente e letrado
Como só o gabrielense,
De “Atenas Rio-grandense”,
Esse solo foi chamado!

16- Como provas do valor
De povo culto e guerreiro,
Tens no Panteão Brasileiro
Figuras de alto fulgor;
Alcides Maya - escritor,
Sentou entre os Imortais
E dos nossos marechais,
Aquele de maior brilho
Foi, com orgulho, teu filho,
Mascarenhas de Moraes!

17- Dois exemplos – num segundo,
De vultos que aqui nasceram
E os nomes mereceram
Nosso respeito profundo.
E provam, pra todo mundo,
O valor da integração,
Entre o Índio e o Cristão:
Portugueses e espanhóis,
Depurada nos crisóis
Da fé e da educação!

18- Meu canto aqui suspendo,
Pois temo narrar demais
E não desejo – jamais,
Maçar quem estiver lendo.
Mas é verdade, entendo,
Que para a gente futura,
Saber da fé e cultura
Desses dois povos valentes
Serão preciosas sementes
De Tradição – da mais pura!

ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA

- CANÇÃO -

Letra: Evilácio Saldanha

Música:

1 - Canguçu – terra de heróis,
do braço trabalhador,
do mestre, líder, doutor,
de um povo nobre e feliz.
Gente com força motriz
e inspiração a contento,
com Cláudio Moreira Bento
fundaram nossa ACANDHIS!

Estrilho

*Canguçu – amada terra
imune ao tempo voraz,
querência em tempos de paz!
Trincheira em tempos de guerra,*

ESTRIBILHO

3 - Sampaio e o grande Osório
nas lutas então travadas,
cortaram nossas estradas
sob a poeira Rio-grandense.
Nesse entrevero castrense,
onde os nossos combateram,
coxilhas estremeçeram
na intrepidez canguçuense!

2 - Confraria de estudiosos
pra manter a História viva
e a memória sempre ativa
pela voz dos professores.
Não florescem dissabores
onde não falta cultura
para manter nas alturas
iluminados condores!

ESTRIBILHO

4 - Como um toque de magia
ACANDHIS atinge a glória.
Acadêmicos de História,
expoentes desta cidade,
no Cerro da Liberdade
contemplaram horizontes,
depois, beberam na fonte
da Cacimba da Saudade!

A Farda

João Batista Fagundes - O autor é Coronel (Fonte: Revista do Clube Militar)

A farda não é roupa que se veste
Nem que se despe com indiferença.
Não é prata que gere recompensa
Nem comenda que a glória nos empreste!
Mas é algo que sempre nos reveste
Da grandeza da própria instituição
Que jamais nos transmite a sensação
De ser simples produto de consumo
Sem ideal, sem princípios e sem rumo
Perdido no deserto da ilusão...

Quem usa a farda nunca está sozinho,

Pois ela abriga a história e a tradição.
Tem alma, sonho, corpo e coração
Onde não medra a mancha nem o espinho.
Nós somos dela apenas o escaninho
Que guarda, lava, passa, escova e zela
Deixando o verde-oliva que tem nela
Refletir a mensagem da esperança
Por ser imagem viva e semelhança
De uma vida exemplar correta e bela.

Ela não é couraça nem trincheira
Refúgio forte ao gladiador com medo.
Não é cofre que esconde os seus segredos
Para guardar o ouro da algibeira.
Mas é guardiã do lema da Bandeira
Com ordem e progresso no seu corte
Que tem na própria honra o ponto forte
Como destaque à vida do soldado
Que bem reflete o grito consagrado
Deste BRASIL de "Independência ou Morte..."

Quem pode usar o galardão da farda
Não usa a roupa como um dom de graça,
Mas como fruto de um ideal sem jaça
De quem conquista o posto de vanguarda.
Nela não tem qualquer eiva bastarda
Que comprometa as merecidas palmas
Quando o clarão da saudação das salvas
Eleve aos céus o brilho que revele
Bem mais que a veste que reveste a pele
A luz do manto que engrandece a alma.

EDITOR

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, Cel
DELEGADO DA AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com